



**HAL**  
open science

## ”Fim de um sonho - a propósito do filme ”Nhá Fala”

Teresa-Cristina Duarte-Simoes

► **To cite this version:**

Teresa-Cristina Duarte-Simoes. ”Fim de um sonho - a propósito do filme ”Nhá Fala”. *Lattitudes*, 2005, p. 90-92. hal-00416475

**HAL Id: hal-00416475**

**<https://hal.science/hal-00416475>**

Submitted on 14 Sep 2009

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L’archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d’enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

## **FIM DE UM SONHO...**

**Cristina DUARTE\***

O título do filme *Nha Fala* - quarto longa-metragem do diretor guineense Flora Gomes - é tirado de uma expressão crioula que significa ao mesmo tempo "minha voz", "meu destino", "minha vida" e "meu caminho". No momento da filmagem, em 2001, a situação política da Guiné-Bissau estava bastante tensa pois a eleição de Kumba Yala para presidente tinha gerado uma guerra violenta. O realizador preferiu então adotar como cenário uma das ilhas do bem mais calmo arquipélago de Cabo Verde. A ação do filme passa-se então na ilha de São Vicente e, mais exatamente, em Mindelo, segunda cidade do país. *Nha Fala* é uma comédia musical alegre e colorida, ritmada pelas composições do camaronês Manu Dibango. Entretanto, se o filme corresponde ao desejo inicial do autor - contar uma história otimista - às vezes uma certa tristeza emerge apesar das cores vivas, dos sorrisos e das coreografias carnavalescas. Uma tristeza, justamente, de fim de carnaval.

A jovem e bela Vita despede-se dos amigos e da família pois vai partir para a França a fim de prosseguir

os estudos. Dirige-se então à igreja para ver o pároco, à carpintaria onde trabalhava, à casa da avó materna e à casa do vizinho que acabou de falecer. De uma forma geral, cada uma dessas etapas propõe um número musicado em que as letras das canções fornecem elementos indispensáveis para a compreensão da história. Além disso, essas cenas cantadas e dançadas informam o espectador sobre o papel importante desempenhado por Vita na sociedade local, bem como sobre diversos aspectos da vida da cidade e, conseqüentemente, do país. Mas de que país se trata? Cabo-Verde? Guiné-Bissau? O desejo de Flora Gomes parece ser, justamente, o de não definir, ou melhor, de abranger tudo. Mais tarde no filme, quando em Paris alguém pergunta a Vita de onde ela é, a resposta é imprecisa: "Da África Ocidental". Com a insistência da interlocutora: "De que país?", a resposta da jovem é ainda menos precisa: "De uma antiga colônia, como todos os países africanos". Desta forma, a nação parece pouco importar, o que é essencial é a trajetória das personagens, sejam elas guineenses, cabo-verdianas ou simplesmente, africanas.

Vita vai primeiramente despedir-se do sacerdote e uma coreografia inicial é executada no interior da igreja. Os presentes devem eleger o novo diretor ou diretora do coral e a dança cantada assemelha-se a uma "campanha eleitoral". Os argumentos lançados pelos "candidatos" são aliás bastante excêntricos:

"Votem em mim, sou o mais forte!"

"Votem em mim, sou o mais belo, o mais popular!"

"Tenho a voz mais bonita!"

"Sou a mais gorda!"

"Sou o mais diplomático!"

"Votem em mim! São os homens que mandam!"

"Votem em mim! São as mulheres que devem mandar!"

"Votem em mim, sou a mais rica!"

"Sou a mais pobre!"

"Sou o mais diplomado!"

"Sou o mais doido!"

Entre cada candidato, o estribilho interroga:

"Bastará ser um bom marinheiro  
Para ser um bom capitão?"

Como não levar em conta, nesta seqüência, os então recentes e contestados resultados das eleições guineenses?

Prosseguindo as visitas, a jovem Vita dirige-se ao lugar em que trabalhava, a Carpintaria Destino, nome aliás bastante significativo. No número musicado seguinte, entre tábuas e serras, as antigas colegas de trabalho cantam:

"Arruma um marido em Paris!  
Se casares lá  
Nunca mais passarás fome!"

...enquanto o coro masculino acrescenta:

"Agora que o sonho chegou ao fim  
Os nossos diplomas não servem para nada!"

Na visita feita à avó, a mãe de Vita - interpretada por Bia Gomes, a atriz preferida do diretor - resume a situação difícil da região:

"Aqui, ninguém está no próprio lugar, o médico tem de ser taxista de noite, o professor de universidade engraxa sapato."

Um cotidiano difícil então, apesar da alegria aparente transmitida pelas músicas, danças e roupas coloridas. Esses signos exteriores são, com efeito, enganadores, pois os dois extremos, felicidade e tristeza, são exteriorizados no filme da mesma maneira. Por exemplo, vendo passar na rua um grupo de pessoas cantando e dançando, uma das personagens interroga um dos integrantes do cortejo: "É uma festa ou um enterro?"

Por outro lado, durante todos os seus deslocamentos pelas ruas da cidade, Vita é seguida de maneira insistente pelo antigo namorado, Yano, que lhe propõe num belíssimo número musical:

"Se ficares comigo, prometo que vou mudar. (...)  
Realizarei todos os teus desejos  
Dar-te-ei tudo aquilo que quiseres,  
Confia em mim! (...)  
Renunciarei a todas as outras

És a única que me interessa

A única que dá um sentido à minha vida!"

Mas o relacionamento com esse jovem capitalista infiel, repleto de correntes de ouro e escravo do telefone celular não parece mais convir a Vita, que prefere realmente mudar de ares.

Se por um lado *Nha Fala* é efetivamente uma comédia musical, por outro, a onipresença da morte no filme conduz facilmente ao trocadilho "comédia funeral". As primeiras imagens mostram crianças organizando o enterro do papagaio da escola. Quando Vita termina a visita à carpintaria, ela aconselha aos antigos colegas de trabalho:

"Construam caixões, a única coisa segura neste país é a morte!"

Em seguida, a cerimônia funerária do vizinho - o senhor Sonho, falecido aos oitenta e dois anos - ocupa uma boa parte da história. Assiste-se à preparação do banquete funerário para o qual será convidada toda a população, segundo rezam os costumes locais. Esses exigem também que um porco seja sacrificado no momento da partida do féretro, tradição ancestral reprovada pelo sacerdote. Entre sincretismo religioso e fim de um "Sonho", Vita vai embora para poder ser livre, para sonhar novamente. A última imagem dessa primeira parte

africana do filme mostra bem o caminho original e solitário escolhido pela jovem: ela acompanha o enterro do senhor Sonho até fora da cidade e a um momento, eles se separam: o féretro segue à direita e Vita, com a sua mala, continua sozinha, rumo ao futuro, ao seu destino.

Mas não é somente a extinção do sonho que a empurra para fora do país e para a França. O filme nos revela que a jovem carrega consigo uma maldição que paira sobre todas as mulheres da família: elas não devem cantar, sob pena de morrerem. A mãe lembra-lhe essa proibição no momento da partida, pedindo-lhe para respeitá-la. Na verdade, ela exige de Vita que renuncie à sua própria vida, pois como lembra Flora Gomes, a música é o meio de expressão por excelência dos africanos, o que é utilizado para anunciar as boas e as más notícias. Aliás, o ex-namorado Yano lembra, reclamando:

"Nunca te ouviram cantar. Isso será sempre um mistério para mim..."

Após uma elipse temporal, a segunda parte do filme passa-se em Paris, onde Vita mora há quatro anos. Ali ela conheceu e apaixonou-se por Pierre, um jovem músico. Estando à procura de uma voz feminina para uma gravação, o francês encontra na africana o que buscava e Vita é então levada a transgredir a proibição materna, o que ela faz finalmente após uma certa hesitação. Com o sucesso do disco, tendo encontrado o homem da sua vida e tendo

reencontrado a sua voz, o seu caminho, o seu destino, Vita tem agora que impor o seu desejo à mãe, guardadora da proibição familiar. A terceira parte do filme marca uma volta à África e ao seio da família. Vita, para se livrar da maldição, encena pomposamente a sua própria morte: "Para viver, devo morrer", diz ela.

O filme conta também a história dessa transformação e a estadia em Paris desempenha o papel de um rito de iniciação. Vita sai de um mundo em que as personagens femininas determinam a conduta: sua mãe, sua avó. Um mundo também em que os homens não desempenham nenhum papel positivo: o pai já morreu há muito tempo, o ex-namorado Yano parece bastante superficial. Essa relação ao sexo masculino é definida pela mãe: "Não se pode esperar nada destes homens daqui". Mas Vita consegue ir mais adiante e constatar, numa confidência para a avó que "Aqui nada está onde devia estar ". A sua partida e estadia em Paris dá-lhe a oportunidade de vencer todas as barreiras e de encontrar um lugar mais justo no seio da sociedade africana: desenraizar-se para melhor se inserir, eis o percurso de Vita. Esse movimento passa pela frequência de uma família completa, a de Pierre e, conseqüentemente, pelo encontro da figura paterna, ausente até então. Esse momento é concretizado de forma coreográfica no número musicado do restaurante parisiense, em que Vita é apresentada aos sogros. A aceitação da africana é imediata, pois a mãe de Pierre confessa:

"Ultimamente acho a casa bem vazia. Está na hora de teres um filho. Vou-me habituando à idéia de ter netos mais escuros que eu."

Desta forma, além de tentar construir uma ponte entre duas culturas, dois mundos em princípio totalmente opostos, *Nha fala* mostra também a relação ambígua dos guineenses e cabo-verdianos com a figura de Amílcar Cabral, "pai da independência da Guiné-Bissau e das ilhas de Cabo Verde, assassinado em 1973", como anuncia a dedicatória no início do filme. Efetivamente, durante as duas partes africanas do filme, duas personagens locais carregam sem cessar, de um lugar para o outro, uma estátua do líder africano e um saco de cimento, à procura de um lugar para fixá-la definitivamente. Quando passam na frente das casas, os habitantes fecham portas e janelas, recusando que se coloque ali o busto do herói. De forma simbólica, a ação dessas duas personagens constitui uma espécie de pano de fundo da história, sugerindo algo que ainda não foi resolvido pelas populações locais. Aliás o filme, que tinha começado à beira-mar, com crianças realizando o enterro do papagaio da escola, termina exatamente no mesmo lugar, com a fixação tão procurada da estátua num pedestal.

O senhor Sonho e o papagaio – animal falante por excelência – morrem no filme para que Vita possa ter acesso a um outro caminho, a uma outra voz e também para que a lembrança de Amílcar Cabral possa encontrar um

lugar de honra. Aliás, Flora Gomes já anunciou que planeja realizar um próximo filme sobre o estadista africano.

Assim, embora *Nha Fala* seja um filme otimista, com final feliz, uma certa melancolia percorre suas imagens. Essa tristeza intrínseca parece estar ligada ao desempenho de Fatou N'Diaye, intérprete de Vita, que se tornou conhecida do público francês em 2000, com o telefilme *Fatou la Malienne* de Daniel Vigne. Por ser franco-senegalesa, a atriz teve de aprender o crioulo local pois não falava a mesma língua que os personagens do filme. Por consequência, a sua linguagem é menos fluida que a dos outros, o que acarreta uma certa rigidez em sua interpretação. Há uma decalagem entre ela e os demais personagens, ela não se dissolve na multidão, ela permanece à parte. A grande intimidade e conivência que deve existir entre Vita e os outros habitantes da cidade têm um aspecto artificial, mesmo se o filme quer mostrar o contrário. Como não pensar em Marpessa Dawn, a intérprete americana de *Orfeu Negro*, realizado em 1959? Contracenando na época exclusivamente com atores brasileiros, a Eurídice de Marcel Camus também não se misturava com os outros personagens, havia uma barreira linguística entre eles, acarretada, no caso no filme francês, pela dublagem.

Apesar do final feliz, da alegria das canções, cores e situações, *Nha Fala* é um filme triste, um filme em que a personagem principal parece carregar consigo uma

diferença, um ferimento, uma mágoa. Talvez seja sob esse aspecto que o destino de Vita se confunda, como queria o realizador, com o do continente africano.

\* Maître de Conférences à l'Université de Toulouse-Le Mirail